

a morte de Jesus

Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira¹

Os ruídos dos passos de Maria, apesar de abafados pelo barulho do trânsito, parecem estar sendo ouvidos por toda a cidade. Não que o contato do tênis com o asfalto seja audível, mas o caminho que ela percorre é gritante. A rua que lhe indicaram está a uma esquina de distância. Com a cabeça meio baixa, a mulher observa que o lugar parece abandonado, como que deixado de lado propositalmente, embora tenha várias casas e seus respectivos moradores. Ao avistar o prédio aonde está indo, Maria, em súbito impulso, para e observa o local.

Uma faixa grande e colorida chama a atenção para uma loja de roupas. Ao lado esquerdo de um pequeno portão branco parece ser a única entrada para o primeiro andar. Ainda incapacitada de ordenar ao corpo que se movimenta, a mulher fecha os olhos com força. O peso das últimas quatro semanas lhe abate dolorosamente. Não se distingue ao certo se é o peso da dor ou o peso de carregar em si duas pessoas. Em um descuido da mulher, as memórias daquele dia ressurgem descontroladas em sua mente e ela mergulha num já-foi que parece infundável.

Era dia vinte e quatro de dezembro e a família Santos jantava, feliz e reunida, em comemoração ao Natal, como de costume. Cerca de nove ou dez pessoas se sentavam em torno de uma mesa marrom que ocupava quase toda a sala de jantar. A ceia tinha sido preparada por Dona Rosa, mãe de Maria e, pelos satisfeitos rostos dos convidados, estava boa. Maria descansava os olhos pela pequena árvore de Natal adornada de bolinhas coloridas e desgastadas de anos passados e com uma estrela quase capenga no topo. Não poderia deixar de notar os sinos na porta e o desgastado Papai Noel no balcão da cozinha.

Com a mão encostada no queixo, Maria pensava no significado de tudo isso. O nascimento de Jesus, luz do mundo, que tantos sacrifícios suportou pelo bem da humanidade. Gostaria ele desse tipo de comemoração? Perdida entre pensamentos, Maria se levanta para ir em direção ao banheiro no final da casa, já na saída para o quintal dos fundos. Pensando estar sozinha, a mulher só percebe os passos atrás de si quando se vira para fechar a porta. Lá, parado em sua frente colocando a mão na fresta ainda aberta da porta do banheiro estava seu tio José. Os cabelos mistos entre branco e preto evidenciavam seus trinta e oito anos bem – ou mal – vividos. Os olhos perversos do homem contrastavam com sua expressão e personalidade aparentemente gentis. Maria nem se moveu e nem falou nada. Alguma força interior lhe impedia de agir, talvez fosse a figura de um anjo lhe mostrando que esse era seu destino. José também não falou nada, a maldade que emanava dele era tanta que a mulher fixou seus olhos apenas no terço entrelaçado no braço do seu tio. Religioso, sua frequência na missa era admirável. Já Maria largara a igreja ainda jovem por falta de paciência, e isto, ligado à minissaia que exaltava sua pele negra, gritava algo para seu ser, ela não sabia o que era. Ou preferia não acreditar que sabia. Depois da tranca da porta, os seguintes instantes foram silenciosos e indescritíveis. Com a tranca da porta do banheiro, a liberdade e inocência de Maria foi trancada também. O que José fez estaria gravado na

¹ Graduada em Letras - Português e mestranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Natural de Esperança/PB, interessa-se pelas palavras, tanto escritas quanto lidas, desde o Ensino Médio.

eternidade do Verbo, que tudo determina desde o princípio. No dia dois de janeiro Maria sentiu os primeiros danos no seu corpo. Estava grávida. Uma pequena vida, quer Deus tenha determinado ou não, fazia moradia em seu útero.

Se é que já se poderia chamar aquele serzinho de vida. *Lá na rua Centenária há um lugar. O médico é bom. Por baixo dos panos, mas de certeza que você sai de lá viva e sem vestígio de nada na tua barriga*” – dissera uma colega de trabalho. Exatamente onde Maria está agora prestes a entrar. Alguns passos a afastam do ato, mas já é decisão tomada, apesar de dilacerante. Se recusa a passar a ter cuidados com alguém fruto desse episódio e não importam quantas lágrimas e crucificações lhe venham futuramente. O bebê não vai nascer. Esse Jesus não vai iluminar o mundo.